

Gordofobia e Ativismo gordo: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento.

Maria Luisa Jimenez Jimenez y Juliana Abonizio.

Cita:

Maria Luisa Jimenez Jimenez y Juliana Abonizio (2017). *Gordofobia e Ativismo gordo: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/3795>

Gordofobia e Ativismo gordo: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento

Maria Luisa Jimenez Jimenez – Autor 1

malujjimenez@hotmail.com - Autor 1

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Autor 1

Brasil – Autor 1

Juliana Abonizio – Autor 2

abonizio.juliana@gmail.com – Autor 2

Universidade Federal de Mato Grosso- UFMT – Autor 2

Brasil – Autor 2

Resumo:

A obesidade é uma questão de saúde pública, considerada por muitos uma epidemia e, ao mesmo tempo, uma questão que atinge a vida cotidiana das pessoas consideradas acima do peso prescrito. Para além da questão da saúde, as pessoas gordas são discriminadas por não exibirem o padrão corporal considerado bonito. Esse preconceito, a que se chama gordofobia, atinge especialmente mulheres. Contudo, assistimos a emergência e crescimento de movimentos antigordofóbicos que, além de denunciar o preconceito, visam romper com o padrão corporal estabelecido. Para compreendermos as nuances de tais movimentos, acompanhamos dezenas de veículos de ativismo virtual, tais como blogs, páginas e sites, liderados por mulheres gordas durante três anos. Através dos discursos que analisamos, vislumbramos como a exaltação do corpo socialmente considerado indesejado anuncia a possibilidade de libertação e empoderamento.

Palavras- chave: Gordofobia, Ativismo Gordo, Feminismo.

Introdução

A menina aprende que as histórias acontecem a mulheres "lindas", sejam elas interessantes ou não. E, interessantes ou não, as histórias não acontecem a mulheres que não sejam "lindas". (WOLF, 1992, p. 80).

Vivemos em uma época de “lipofobia” (Fischler1995, p. 15) que está diretamente ligada a uma “obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca pela obesidade.” Na valorização da magreza, acaba-se levando a gordura a um símbolo de falência moral, e, portanto a gorda, mais do que apresentar um peso socialmente inadequado, passa a ser

percebida por meio de uma imagem negativa. Como enfatizou o médico Peter Brown (1998) “Nossa cultura de valorização da magreza transformou a obesidade em um símbolo de falência moral. Denota descuido, preguiça, desleixo, falta de disciplina. Também denota pobreza (...)”. E, mais do que isso, passa a ser o que Sant’Anna (1995) denominou de um “corpo desumanizado”.

A história das aparências físicas é complexa e nada linear, as aversões a pessoas gordas são antigas. Segundo Sant’Ana (2014), nos Estados Unidos em 1926 um médico chamado Leonard Williams escreveu um livro intitulado “Obesidade”, no qual os indivíduos mais pesados eram associados a um caráter ávido e repulsivo, para o médico, ninguém tinha o direito de ser gordo. Desse modo, esse tipo de discurso que continua nos dias atuais, confirma e agora de modo generalizado, a tendência de que todo gordo deve ser excluído dos espaços sociais, pautados dentro de um discurso majoritário vigente.

Contudo, também é percebido que existem, cada vez mais, movimentos sociais de mulheres que abrem espaços para as gordas se colocarem como sujeitos críticos dessa padronização do corpo feminino. Muitas são elas e seus posicionamentos em páginas na internet, blogs, artigos, televisão e estudos que se posicionam contra o comportamento preconceituoso à mulher acima do peso, ação essa conhecida como gordofobia.

A gordofobia, portanto é uma maneira de discriminação,

Estruturada e disseminada nos mais diversos contextos socioculturais que consiste na desvalorização, estigmatização e hostilização de pessoas gordas e seus corpos. Os comportamentos gordofóbicos geralmente reforçam estereótipos e impõem situações constrangedoras, degradantes com fins segregacionistas. (ARRAES, 2015).

O corpo que se insurge contra a gordofobia atua como resistência ao controle dos corpos como um “corpo que acontece”, defendendo um processo de experimentação de outros corpos/mundos possíveis. (LAZZARATO, 2006).

A padronização do corpo feminino na sociedade capitalística

(...) É perfeitamente possível ser gordo e saudável. Assim como é possível ser baixo e saudável. Criou-se uma espécie de superstição em torno da gordura. Se você é gordo nunca se casará, nunca terá um emprego, nunca terá uma vida sexual satisfatória. Frequentemente os gordos adoecem não por causa da gordura, mas sim pelo stress, pela opressão a que são submetidos. Ninguém assume que está incomodado com a gordura, dizem que estão preocupados com nossa saúde. (WANN, 1999).

Para Denise Sant'Anna (1995, p.12), “o corpo é, ele próprio um processo. Resultado provisório das convergências entre técnica e sociedade, sentimentos e objetos, ele pertence menos à natureza do que à história.”

Cada grupo social imprime expectativas em torno ao corpo. Para Foucault (1997, p. 127), em qualquer sociedade o corpo é um lócus de poder, sujeito a coerções e domínios ou a experiências de confronto e resistência. Dessa maneira, é através do corpo que os indivíduos se manifestam no mundo e revelam sua posição na sociedade, e, por outro lado, é no corpo dos indivíduos que se imprimem as regras sociais que se modificam conforme a dinâmica cultural. Valores simbólicos relacionados ao corpo variam entre sistemas e grupos sociais em diferentes contextos históricos. Conceber que o corpo é uma construção histórica, social e cultural possibilita uma discussão sobre gênero enfatizando que o mesmo não pode ser uma ideia acabada, posto que é uma criação, na qual se realiza através das relações e instituições sociais, a família, escola, amigos, ao longo da vida, que acaba estabelecendo o que é ser homem e mulher.

Para Louro (2010, p. 15), a expressão que fabrica o que é ser mulher e o que é ser homem é sempre destacada nos corpos, através do contexto que determina cultura e, por isso, são socialmente estabelecidas. Assim sendo, deixar claro que as diferenças entre homens e mulheres não se dão somente através de definições biológicas pode parecer obvio, porém, possibilita um entendimento sobre o corpo como “produzido na cultura e pela cultura”, transcendendo o olhar naturalista com que inúmeras vezes o corpo é explicado e, muitas vezes tratado.

Para Goellner (2006), o corpo feminino despiu-se e agora é observado por diversas instâncias culturais, como nos filmes, na televisão, na literatura, na internet, etc. Com seu corpo em exibição, as mulheres passam cada vez mais a buscar uma perfeição corporal.

Como já anunciado, Sant'Anna (1995, p.121), afirma que a concepção de que a beleza é uma característica feminina, assim como a força é uma particularidade masculina, atravessa os séculos e as culturas como algo indiscutível.

As mulheres deixam as amarras dos espartilhos para se tornarem prisioneiras de uma doutrina que não permite nenhuma mudança; engessando sua identidade corporal feminina à tríade beleza-juventude-saúde. Assim, admite-se que o corpo da mulher está sempre sendo re/descoberto e re/inventado. Todas as marcas que se constrói sobre a

corporeidade feminina são “produzidas” pela cultura e pela sociedade, de múltiplas formas em tempos e espaços diferentes.

As sociedades contemporâneas ocidentais são lipofóbicas, têm horror à gordura e aos gordos. Elas também criaram o conceito de obesidade. O que é considerado obeso, hoje, é alguém que poderia ser visto como normal, gordinho, gordo, mas "gordo como se deveria ser". O que era considerado um indivíduo normal, hoje pode ser visto como gordo, ou até muito gordo. Basta olhar as fotos de Marilyn Monroe e comparar com as das atrizes americanas de hoje. Ela não seria considerada gordinha ou até mesmo gorda por algumas? Não só as atrizes, mas se observamos as modelos ao longo dos anos, é fácil verificar que elas estão cada vez mais altas e cada vez mais magras. E são essas mulheres que trazem novos modelos de corpos que se tornam padrões a serem imitados por outras nas sociedades ocidentais contemporâneas. Cada vez mais jovens, mais altas e, especialmente, cada vez mais magras. (FISCHLER, 2011).

Em vista do exposto, podemos observar que o lugar social do corpo gordo feminino no mundo contemporâneo é de tristeza, inconformismo e exclusão, apesar de assistirmos a alguma mudança diante desse corpo que já não pode ser invisibilizado, como atendimentos prioritários, assentos reservados em teatros e avião.

Pesquisas recentes revelam com uniformidade que em meio à maioria das mulheres que trabalham, têm sucesso, são atraentes e controladas no mundo ocidental, existe uma subvida secreta que envenena nossa liberdade: imersa em conceitos de beleza, ela é um escuro filão de ódio a nós mesmas, obsessões com o físico, pânico de envelhecer e pavor de perder o controle. (WOLF, 1992, p.12).

Toda essa exclusão e aversão ao corpo gordo, leva às mulheres a procura de adequação ao corpo padrão e a não aceitação do próprio corpo pode gerar depressão, distúrbios alimentares e transtornos de percepção de si mesmas.

Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza. O que ele está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência unicamente da necessidade da cultura, da economia e da estrutura do poder contemporâneo de criar uma contra ofensiva contra as mulheres. Se o mito da beleza não se baseia na evolução, no sexo, no gênero, na estética, nem em Deus, no que se baseia então? Ele alega dizer respeito à intimidade, ao sexo e à vida, um louvor às mulheres. Na realidade ele é composto de distanciamento emocional, política, finanças e repressão sexual. O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência. (WOLF, 1992, pags 16-17).

Desse modo, as exigências de um corpo dentro do que se considera belo e saudável, requer muito mais do que um corporação magra e malhada, existem exigências de comportamentos a ser seguido, como comprar fazer e estar dentro desse estereótipo social.

A “despadronização” do corpo como outro modo de estar no mundo

O mito da beleza, em sua forma atual, ganhou terreno após as convulsões sociais da industrialização, quando foi destruída a unidade de trabalho da família e a urbanização e o incipiente sistema fabril exigiam o que os técnicos em ciências da época chamaram "esfera isolada" de domesticidade, que sustentava a nova categoria do "ganha-pão", aquele que saía de casa para o local de trabalho todos os dias. Houve uma expansão da classe média, um progresso no estilo de vida e nos índices de alfabetização, uma redução no tamanho das famílias. Surgiu uma nova classe de mulheres alfabetizadas e ociosas. Da submissão dessas mulheres à domesticidade forçada, dependia a evolução do capitalismo industrial. A maioria das nossas hipóteses sobre a forma pela qual as mulheres sempre pensaram na "beleza" remonta no máximo a 1830, quando se consolidou o culto à domesticidade e inventou-se o código da beleza. (WOLF, 1992, p. 18).

O corpo está no centro do debate contemporâneo, seja nas mídias mais comuns as mais conceituadas, ele está no centro à discussão, da medicina ao esporte, passando pela publicidade, a academia, o corpo sem dúvida esta em pauta. Para Sant'Anna (2001), o que coloca o corpo no centro dos debates interdisciplinares não é o fato de que ele está na moda, mas a urgência em problematizá-lo. O corpo exige múltiplos sentidos, olhares, teorias, interações de saberes.

Por esse motivo, o corpo é social, isto é, “O corpo está submetido à gestão social tanto quanto ele a constitui e a ultrapassa.” (Sant'Anna, 1995, p.12). Entender o corpo como instrumento para constituição de uma subjetividade vem ao encontro do entendimento de Guatarri e Rolnik (1996) que nos advertem para uma “subjetividade capitalística”, nos tornando co-produtores dos padrões do sistema vigente, no qual apenas o que importa é o lucro das grandes corporações, sendo assim o indivíduo e seu viver e ser, não está em pauta.

O indivíduo, a meu ver, esta na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade. Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outros são mais no domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de "grupos primários" (o clã, o bando, a turma, etc.). Outros, ainda, são do domínio da produção de poder; situam-se em relação a lei, a polícia, etc. Minha hipótese é que existe

também uma subjetividade ainda mais ampla: é o que chamo de subjetividade capitalística. (GUATTARI; ROLNIK, 1996. p. 34).

Para os autores, a cultura de massa é vista como elemento fundamental da "produção de uma subjetividade capitalística", já que é essa cultura que produz indivíduos normalizados, "articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão." (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 16). Mesmo que inconscientes, co-produzimos esse modo de vida, padronizando pensamentos, modos de agir, comportar, andar, falar, ver, estar e saber.

Contudo, é possível produzir subjetividades dissidentes, como apontam autores como Lazzarato, Guatarri, Rolnik

No Brasil, apesar de o país estar comprometido com um processo capitalístico e estar em vias de tornar-se uma grande potência, há imensas zonas da população "não garantida" que escapam a esse tipo de esquadramento, a esse tipo de produção de subjetividade, e isso é muito importante. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 58).

Para os autores,

O que vai permitir o desmantelamento da produção de subjetividade capitalística e que a reapropriação dos meios de comunicação de massa se integre em agenciamentos de enunciação que tenham toda uma micropolítica e uma política no campo social. Uma rádio livre só tem interesse se ela é vinculada a um grupo de pessoas que querem mudar sua relação com a vida cotidiana, que querem mudar o tipo de relação que tem entre si no seio da própria equipe que fabrica a rádio livre, que desenvolvem uma sensibilidade; pessoas que tem uma perspectiva ativa a nível desses agenciamentos e, ao mesmo tempo, não se fecham em guetos a esse nível. (IBIDEM, 1996, p.47).

Guattari (1996, p. 46) menciona a revolução molecular como produção "não só de uma vida coletiva, mas também da encarnação da vida para si própria, tanto no campo material, quanto no campo subjetivo." Há, portanto uma resistência social quando saímos desse domínio normatizado e partimos para outro lugar de criação e reflexão do corpo como ele é e do que pode ser.

Aceitar o corpo como ele é ou produzi-lo de modo criativo pode provocar mudanças nas concepções de beleza, saúde e felicidade e podemos considerar esse processo uma expressão de resistência a corporeidade capitalística, já que transfere o indivíduo para outra lógica de estar e ser no mundo.

Eliminar o gênio é a preocupação manifesta. Poderíamos nem levar em consideração, se fosse apenas o gênio que estivesse em questão; mas não se trata apenas do gênio, é a nossa originalidade individual, a genialidade singular que todos possuímos, cuja eficácia, cuja existência são colocadas em questão; porque todos nós, de qualquer

lugar, dos mais obscuros aos mais famosos, inventamos, aperfeiçoamos, variamos, ao mesmo tempo que imitamos, e não há sequer um de nós que não deixe uma marca profunda ou imperceptível, em sua língua, em sua religião, em sua ciência ou sua arte. (TARDE, 1898, p. 35 apud LAZZARATO, 2006, p.150).

Lazzarato (2006) propõe deslocar as noções de produção e de trabalho na centralidade teórica propostas pelo marxismo para discutir o capitalismo e coloca a noção de invenção como importância fundamental nessa discussão. O valor para esse autor está quando se inventa algo, quando se cria uma nova maneira de estar, pertencer e ser no mundo.

Amar o próprio corpo pode transformar a forma de um indivíduo pensar e estar no mundo. Reflexões reverberam uma revolução na criação de outro modo de estar, viver e ser no mundo, que acaba se reverberando na contaminação dessa maneira de estar e ser. No qual através da aceitação e respeito com seu próprio corpo, possam acontecer inúmeras libertações que mudem ou pelo menos abalem a subjetividade capitalística dos indivíduos que experimentam padronizações severas corporais desde suas infâncias.

Ou seja, a proposta de Foucault (1994) de subordinar a existência cotidiana a um denominador estético,

[...] o problema político, ético, social e filosófico de nossos dias não é o de tentar libertar o indivíduo do Estado e das instituições estatais, mas de nos libertar tanto do Estado quanto do tipo de individualização que está vinculado a ele. Precisamos promover novas formas de subjetividade através da recusa desse tipo de individualidade que tem sido imposta a nós há vários séculos. (FOUCAULT, 1983, p. 216).

Esse “acontecimento” que cito como encontro com seu próprio corpo nessa sociedade faz referência ao que Lazzarato (2006) apresenta numa discussão ontológica ao colocar o “acontecimento” como ponto focal de invenção social, de criação de mundos possíveis, defendendo assim, o processo de experimentação e criação. O caráter imprevisível e arriscado do acontecimento é ressaltado, e o exemplo-mor do acontecimento político são os movimentos de Seattle em 1999. Através desta refundação ontológica, trata-se de refutar a “filosofia do sujeito”, atribuída a autores como Kant, Hegel e Marx, em favor da “filosofia da diferença”, cuja genealogia que passa por Leibniz, Tarde, Bergson, Deleuze e Félix Guattari. “Acontecimentos, não mais essências: a ruptura é radical.” (IBIDEM, 2006, p. 54).

O ato de criação sendo uma singularidade, uma diferença, uma criação de possibilidades, deve ser distinguido de seu processo de efetuação (de repetição e propagação pela imitação) que faz dessa diferença uma quantidade social. A efetuação ou

propagação da invenção através da imitação expressa a dimensão corporal do acontecimento, sua realização nos agenciamentos espaço-temporais concretos. (LAZZARATO, 2006, p.45).

Elucidando a ideia do corpo que é resistência a padronização estética capitalista como capacidade do acontecimento político de empoderamento, como momento fundamental para abertura de possibilidades a novos mundos possíveis, do questionamento do indivíduo imerso ao sistema, acaba levantando uma vontade de oposição ao que já se vive, ao capitalismo e à sociedade de controle, capturando e revelando fluxos de crenças e de desejos contra a naturalização do sistema e reafirmando a revolução que o indivíduo pode se propor na abertura de uma possibilidade a novos mundos possíveis.

O mundo possível existe, mas não existe mais fora daquilo que o exprime: os slogans, as imagens capturadas por dezenas de câmeras, as palavras que fazem circular aquilo que "acaba de acontecer" nos jornais, na internet, nos laptops, como um contágio de vírus por todo o planeta. O acontecimento se expressa nas almas no sentido em que produz uma mudança de sensibilidade (transformação incorporal) que cria uma nova avaliação: a distribuição dos desejos mudou. Vemos agora tudo aquilo que nosso presente tem de intolerável, ao mesmo tempo em que vislumbramos novas possibilidades de vida. (LAZZARATO, 2006, p. 22).

O corpo que acontece

O MEU CORPO É RESISTÊNCIA

Todo dia uma mulher gorda é xingada na rua. Todo dia uma mulher gorda é mal atendida por um médico. Todo dia uma mulher gorda ouve uma mulher magra dizer que está gorda (e que isso é a coisa mais terrível que pode acontecer em sua vida). Todo dia uma mulher gorda é olhada com desprezo numa academia. Todo dia uma mulher gorda é julgada num restaurante. Todo dia uma mulher gorda é escondida pelo seu namorado (que sente vergonha de amar uma mulher fora dos padrões). Todo dia uma mulher gorda é rejeitada numa entrevista de emprego. Todo dia uma mulher gorda quebra uma cadeira (feita pra pessoas magras). Todo dia uma mulher gorda escuta que ela é bonita, mas apenas de rosto. Todo dia uma mulher gorda é classificada como uma pessoa sem vida sexual. Todo dia uma mulher gorda causa espanto por ser feliz. Todo dia é dia de resistência. (VIEIRA, 2016).

O corpo aqui entendido, percebido como aquele que traz marcas de suas experiências, de sua história e de sua relação com o outro, e não estou falando do organismo do indivíduo, mas da utilização do corpo como instrumento da construção de subjetividades.

Faz-nos entender que viver na contemporaneidade é estar ciente dos paradoxos que definem nossas relações e de seus reflexos nas ações cotidianas. Unir experiências estéticas frívolas e políticas é um bom caminho para se começar a configurar um mundo mais amoroso, coletivo e socialmente motivador. Com esse objetivo de unir pessoas que sofrem desse preconceito, a Gordofobia tem ocupado espaços virtuais¹ e físicos organizando-se estrategicamente em grupos que se mobilizam para discutir, questionar e acolher pessoas que sofrem com a gordofobia no mundo atual.

[...] em todos os domínios, do mais sério ao mais frívolo, dos diversos jogos de faz-de-conta ao jogo político, na ordem do trabalho como na dos lazeres, bem como nas diversas instituições, a paixão, o sentimento, a emoção e o afeto (re)exercem um papel privilegiado” (MAFFESOLI, 1998, p. 22).

É um ativismo em busca da transformação da sociedade por meio da ação tanto virtual como presencial, em mobilizações ou acontecimentos nas cidades. O ativismo está sempre ligado a um conjunto de princípios, em âmbitos diversos (SPRENGER, 2008), que suscitam uma movimentação que pode ser direta (de caráter físico, como manifestações de rua) ou indireta (através de meios que apresentam informações sobre as bandeiras levantadas, como o infoativismo).²

Assim, o ativismo contra a Gordofobia tem buscado a aplicação destes princípios em qualquer atividade, geralmente, de caráter revolucionário e contrário a um sistema consolidado e instaurado. Mas ainda, e para, além disso.

Ou seja, falar em ativismo é automaticamente falar em movimentação ativa da sociedade, e no caso da gordofobia, o que se tem percebido é um trânsito entre o virtual e o físico, no qual indivíduos do mundo inteiro encontram-se pela internet, se conhecem, mobilizam, discutem e depois, ou ao contrário, deparam-se nas mobilizações físicas das grandes cidades do mundo.

Cibercultura é a relação entre a técnica e a vida social, criada a partir da associação da cultura contemporânea com as tecnologias digitais, sendo uma realidade social planetária, caracterizada pela formação de uma conectividade telemática generalizada, que amplia assim as possibilidades comunicativas e promove agregações sociais (LEMOS, 2002, p. 87).

A Cibercultura permite agregar pessoas que lutam pela mesma causa e pensam da mesma maneira, muitas vezes, antes, isoladas. Lemos (2002, p. 90-91) afirma que a

¹ Entendendo virtual como espaço social nas redes sociais na internet, e físico como espaços urbanos nas cidades do Brasil.

² Infoativismo entendido como espaços no qual pessoas engajadas nos movimentos antigordofobia explicam, levantam discussões sobre a temática.

cibercultura é o resultado de uma reunificação da ciência com a cultura e vice-versa. As tecnologias de comunicação contemporâneas promovem a cibercultura porque potencializam, ao invés de inibir, as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social, conseguindo, assim, uma ordem social organizada, para a demanda por livre expressão interativa e pela criação autônoma.

Essas agregações se transformam em redes de contatos que talvez melhor se adequasse na perspectiva de “tribos” urbanas de Michel Maffesoli (1997), caracterizadas pela fluidez, ajuntamentos pontuais e pela dispersão.

[...] o indivíduo não é mais uma entidade estável provida de identidade intangível e capaz de fazer sua própria história, antes de se associar com outros indivíduos, autônomos, para fazer a História do mundo. Movido por uma pulsão gregária é, também, o protagonista de uma ambiência afetual que o faz aderir, *participar* magicamente desses pequenos conjuntos escorregadios que propus chamar de tribos. (MAFFESOLI, 1997, p. 67).

Manuel Castells (1999) em “Sociedade em rede” observa que,

[...] as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal. (CASTELLS, 1999, p. 79).

Seguindo esse raciocínio, a gordofobia como ativismo social faz parte do coletivo, no qual indivíduos descontentes com a pressão estética e o preconceito com o corpo fora dos padrões aqui mencionados se organizem e busquem questionar a repulsa aos corpos gordos na sociedade contemporânea.

A ação política é uma dupla criação que acolhe simultaneamente a nova distribuição de possibilidades e trabalha por sua efetuação nas instituições, nos agenciamentos coletivos "correspondentes à nova subjetividade" que se expressa através e no acontecimento. A efetuação de possíveis é, ao mesmo tempo, um processo imprevisível, aberto e arriscado. (LAZZARATO, 2006, p. 20).

Dessa maneira, a internet funciona como um catalisador do processo de organização que está sempre em mudança, se aprimorando por consequência das ferramentas estarem sempre em desenvolvimento em razão das necessidades de seus usuários na rede. É por meio delas que os indivíduos promoverão o acontecimento político, e poderão ser por ele transformados: interagindo, produzindo, editando, recebendo e compartilhando informações pré e pós-atuação.

Esses contatos virtualmente concebidos se materializam nas ruas e praças das cidades, já que são dois espaços – virtual e físico – de sociabilidade que se complementam, formando um circuito de fluxos comunicacionais intensos, uma rede ao mesmo tempo virtual e real.

Soy Activista de la gordura: Creo firmemente que todos los días, en lo cotidiano, se puede lograr un nuevo espacio para los cuerpos diversos. Hay muchas realidades que pasan desapercibidas cuando se tiene un cuerpo hegemónico, y vivir siendo gorda interpela a la gente. En eso, todas las gordas somos activistas porque vivimos siendo como somos, sin pedir permiso. [...] Cuando empecé a hablar sobre ser gorda desde un lugar de aceptación, mucha gente empezó a responder. Lo hice en redes sociales pero no para lucirme o para enfrentar algo; tengo 32 años y todos los demonios y santos posibles relacionados con la imagen y la auto percepción ya los enfrenté. Pero tengo una hija de 12 años y sentí miedo y también responsabilidad. Cuando a los 13 o 14 años me veía gorda y me sentía indeseable, no era por mi cuerpo -que ahora veo a la distancia y era un cuerpo de una chica un poco alta de espalda ancha que no hacía mucho ejercicio-. Era por cómo me hicieron sentir en diferentes lugares. (ANA, 2016).

Dessa maneira, os corpos que resistem a serem padronizados como magros, belos e saudáveis, etiquetados e colocados a mostra como o ideal a ser seguido. De alguma maneira é revolucionário, pois resiste ao que se obriga ser, e ao contrário de sentir-se mal por não estar dentro do padrão, aceita esse corpo como quebra de toda uma ideia pré-concebida do que é ser belo, feminino no mundo capitalista.

Para muitas dessas mulheres que pararam de lutar contra a balança, regimes absurdos, academias, plásticas e espelhos, agora se aceitam como são e fizeram de seus corpos uma luta, corpos políticos, corpos criativos.

Mulheres felizes, que buscam seu lugar no mundo como são e não como querem que sejam. Uma luta que não aceita de forma alguma seguir as regras da padronização estética feminina.

Sí, creo que el cuerpo gordo que es consciente de sí mismo y lo que representa en esta sociedad patologizante y se quiere (o intenta entenderse un poco) es necesariamente un cuerpo activista. Creo que la gordura es una cuestión súper política, creo que todo requiere el doble de esfuerzo, creo que la obsesión con el modelo de belleza flaco y atlético tiene mucho que ver con una obediencia a la industria de la belleza. (JAEL, 2016).

Dessa maneira, o corpo que acontece, o corpo gordo assumido, pode ser considerado um corpo político, ou corpos políticos, já que é o corpo indesejado, provocativo, inadequado, que subverte a lógica estabelecida e invoca a resistência nos espaços em que ocupa. Nesse sentido, o corpo gordo da mulher é um corpo político.

Esses corpos felizes com o que são, mostram a outras mulheres gordas ou fora dos padrões a gostarem de seus corpos, independente do que o padrão atual considera como belo e saudável.

Considerações Finais

A proposta desse artigo foi despertar questionamentos sobre como nos percebemos nessa sociedade que padroniza tudo, inclusive como nosso corpo deve ser. Nunca se exigiram tantas provas de submissão as normas estéticas, modificações corporais para feminizar um corpo. A partir dessas exigências tem surgido uma resistência feminina em não aceitar e quebrar essas normatizações corporais.

O que se percebe são mulheres que sofreram com seus corpos, que não fazem parte desse padrão estético feminino e conseguiram se libertar dessas exigências sociais. Por meio de conversas, leituras, movimentos feministas, mulheres começaram a entender que toda essa normatização do corpo magro é uma utopia e todas sofriam com a busca de algo que nunca poderá ser alcançado.

Foi a partir dessas reflexões que começaram a surgir inúmeros movimentos de mulheres que acreditavam que seus corpos não deveriam ser padronizados e que ao invés de sofrerem, buscaram a aceitação e transformaram seus corpos em corpos políticos, revolucionários e felizes. Como já dito, Michel Foucault esclarece que o corpo foi descoberto como objeto e alvo do poder. Ele ganha atenção quando é percebido como algo manipulado, modelado, treinado e obediente.

Interessante nessa pesquisa foi entender que apesar de toda essa cobrança institucional sobre corpos perfeitos, existem mulheres do mundo todo lutando em sentido contrário aos interesses empresariais de impérios como light e diet, cosméticos, academias, etc. Propondo a criação de outro modo de ser e estar no mundo, outras sociabilidades, outras corporalidades, buscando o empoderamento de seus modos de ser, que estão fora dos padrões, libertando-se da opressão estética da subjetividade capitalística.

Referências Bibliográficas

ANA. Dossier Especial: Activismo de la gordura. Desobediencia con el nombre propio. Revista Furias, junio/julio, 2016.

ARRAES, J. Gordofobia como questão política e feminista. Revista Fórum. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/digital/163/gordofobia-como-questao-politica-e-feminista/>. Acesso em: 12/05/2015.

BROWN. P. O medo da balança. Revista Veja, 04/02/1998.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Dossier Especial: Activismo de la gordura. Desobediencia con el nombre proprio. Argentina: Revista Furias, junio/julio, n. 27, 2016. Disponível em: https://issuu.com/furias/docs/furias_n_27. Acesso em: 17/06/2016.

FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Dd. B. (Org.), Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, pags. 69-80, 1995.

_____. Entrevista com Claude Fischler. In: GOLDEMBERG, M. Cultura e gastro-anomia: psicopatologia da alimentação cotidiana. Porto Alegre, Horizontes Antropológicos, vol.17. n. 36, July/Dec., 2011. pags .235-256. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000200010. Acesso em: 03/04/2016.

FERREIRA, J. O corpo sígnico. In: MINAYO M. C. S.; ALVES P. C., (Orgs.) Saúde e doença: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, pags. 101-112. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/tdj4g/pdf/alves-9788575412763.pdf>. Acesso em: 15/04/2015.

FOUCAULT, M. The subject and power. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics. 2a ed. com posfácio inédito do autores e entrevista de Michel Foucault. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, p. 208-226.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOELLNER, S. V. O Elegante Esporte da Rede: O Protagonismo Feminino no Voleibol Gaúcho dos Anos 50 e 60. Porto Alegre: Ver. Movimento, v.12, n.01, janeiro/abril de 2006, pags. 153-171.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do Desejo, Petrópolis: Vozes, 1996.

JAEL, Dossier Especial: Activismo de la gordura. Desobediencia con el nombre proprio. Revista Furias, junio/julio, 2016.

LAZZARATO, M. As revoluções do capitalismo: A política no império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMOES, A. Cibercultura: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. IN: LOURO, G. L. (Org.). O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pags. 9-33, 2015.

MAFFESOLLI, M. A transfiguração do político: tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. O elogio da razão sensível. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de Si e Embelezamento Feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. IN: SANT'ANNA, D. B. (Org.). Política do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, pags. 121-139, 1995.

_____. Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Entre o peso do corpo e o pesar da alma: notas para uma história das emoções tristes na época contemporânea. História. Questões e Debates, v. 59, 2014, pags. 99-113.

SPRENGER, L. Conceito de ativismo. Porto Alegre: 2008. Disponível em: <http://solidariedadeanimal.blogspot.com.br/2008/04/conceito-de-ativismo.html>>. Acessado em: 02 de junho de 2014.

VAZ, P. Corpo e risco. UFRJ: Fórum Média, Viseu, v. 1, n. 1, p. 101-181, 1999. Disponível em: http://www.ipv.pt/forumedia/fi_4.htm. Acesso em: 06/09/2015.

VIEIRA, T. O meu corpo é resistência. Blog Gorda Zen. Disponível em: <http://gordaezen.com.br/selfie-empoderada/o-meu-corpo-e-resistencia>. Acesso em 13/05/2016.

WANN, M. Gorda sim, e daí? Revista Veja 10/02/1999

WOLF, N. O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.